



A retórica amena de Alexandre de Gusmão (1629-1724, SJ)

Isabel Scremin da Silva

Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3322-5666>

E-mail: isabelscremin@gmail.com | isabelscremin@usp.br

RESUMO

Este artigo propõe uma investigação acerca da concepção de retórica para Alexandre de Gusmão (1629-1724), padre que atuou à frente da Companhia de Jesus na América Portuguesa entre os séculos XVII e XVIII. Servirão de matéria a este artigo alguns dos escritos do jesuíta, conforme análise de passagens em que define sua noção de estilo, atrelada a virtudes teológicas e a efeitos letrados de humildade, simplicidade, sinceridade e verdade, conceituados em oposição a excessos elocutórios de “retórica humana”. Veremos que Gusmão, embora visasse a objetivos instrutivos, usava de retórica amena e deleitosa para promover o entendimento da doutrina católica pós-tridentina além-mar.

PALAVRAS-CHAVE: Alexandre de Gusmão; Companhia de Jesus; Retórica.

The pleasant rhetoric of Alexandre de Gusmão (1629-1724, SJ)

ABSTRACT

This article aims at investigating the notion of rhetoric according to Alexandre de Gusmão (1629-1724), priest who worked for the Society of Jesus in Portuguese America, between the 17th and the 18th centuries. Some Gusmão's writings are going to be analyzed here, especially some excerpts where the jesuit defines his notion of style, related to theological virtues and stylistic effects of humbleness, simplicity, sincerity and truth, in opposition to an excessive “human rhetoric”. Despite Gusmão's writings have instructive goals, they handle a pleasant and delightful rhetoric in order to promote an understanding of the post-Tridentine Catholic doctrine practiced oversea.

KEYWORDS: Alexandre de Gusmão; The Society of Jesus; Rhetoric.



1. Do assunto

Ao jesuíta Alexandre de Gusmão (1629-1724), responsável pela edificação do Seminário de Belém da Cachoeira, atribuem-se ao menos nove títulos, impressos em Portugal e circulados na América, a saber: *Escola de Bethlem, JESVS nascido no Prezepio* (1678); *Historia do Predestinado Peregrino, e sev Irmão Precito* (1682); *Arte de crear bem os Filhos na Idade da Puericia* (1685); *Sermão que pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos* (1686); *Meditações para Todos os Dias da Semana, pelo Exercício das Tres Potencias da Alma* (1689); *Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron* (1715); *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* (1720); *O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé* (1734) e *Arvore da Vida, Jesus Crucificado* (1734).

Instrutor de noviços, reitor em diferentes instituições de ensino em solo brasílico e provincial da Companhia de Jesus na América Portuguesa por dois governos, Alexandre de Gusmão¹ foi personagem importante à conjuntura teológica, política e letrada luso-brasileira entre a segunda metade do século XVII e o primeiro quartel do XVIII. Com base na bibliografia acima mencionada, observamos a prática de uma escrita doutrinária, catequista e moralizante, direcionada à reforma de hábitos de seus leitores e ouvintes, sobretudo iniciantes na doutrina e recém-ingressados na ordem de Loyola.

Nessas letras em que sobeja o *docere*, objetivo poético-retórico horaciano de ensino e proveito, encontramos algumas passagens de elogio à simplicidade do discurso e de censura à retórica. Não obstante essa censura, os escritos de Gusmão utilizavam-se de retórica para suscitar afetos em seu público, mesmo que fossem afetos amenos e suaves. Nas duas primeiras seções deste artigo, portanto, investigaremos a concepção de retórica para o jesuíta, passando por suas noções de *estilo*, de *simplicidade*, de *humildade*, de *sinceridade* e de *verdade*, e por suas censuras contra os exageros de ornamentação elocutória. Na terceira seção, por fim, adentraremos o terreno da mansidão de afetos, brandos e deleitosos, propícios à memorização e ao aprendizado da doutrina católica pós-tridentina.

Veremos, ao longo deste artigo, como Gusmão se opõe a uma determinada visão de retórica, vinculada ao engano e ao esvaziamento de sentidos, sem negá-la de todo, usando-a, inclusive, para o manejo de afetos desejáveis à persuasão de sua audiência.

2. Estilo humilde

“Com mayor rezão se deve venerar com o silencio, que com nosso humilde estilo explicar” – afirma o jesuíta Alexandre de Gusmão no “Prologo ao Leytor” de *Escola de Bethlem* (1678, não paginado), ao perguntar-se com que palavras poderia falar do nascimento de Cristo.

“Faço-o nesta fôrma assim para mouer a curiosidade do Leytor, como para imitar o estilo de Christo nosso Mestre, & Senhor, do qual diz o Euangelista, que nunca já mais prégaua ao pouo, senão debaxo de alguma Parabola, com que explicaua a verdade de sua doutrina” – declara o

¹ Ao padre Alexandre de Gusmão (1629-1724) se deve a instrução de dois famosos nomes setecentistas, Alexandre de Gusmão (1695-1753), diplomata de D. João V, e Bartolomeu de Gusmão (1685-1724), o “padre voador”, inventor da passarola.

jesuíta em outro “Prologo”, agora de *Historia do Predestinado Peregrino* (1682, não paginado), quando justifica a seus leitores a escolha pelo gênero da parábola.

“Pertendo reduzir a breve estylo, pelo uso, e exercicio das tres potencias da alma, aquellas Meditaçãoens, que outros tratáão mais por extenso” – informa Gusmão, também ao leitor, em *Meditações para Todos os Dias da Semana* (1689, não paginado), após alegar, na dedicatória “Ao Patriarcha Santo Ignacio”, que seu livrinho fora retirado da mina preciosa dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola (1491-1556).

Dessas três citações, note-se que um vocábulo lhes é comum: estilo. Estilo humilde, como no primeiro trecho; estilo breve, como no terceiro; estilo de Cristo, como no segundo, onde se entende estilo humilde e breve, ou ainda estilo útil, doce e brando, em discurso que encena a virtude católica da mansidão. Estilo, para Gusmão, significava o modo de escrever; noutros termos, estilo participava do gênero retórico-poético escolhido e praticado decorosamente pelo orador e pelo poeta.

Estilo humilde remetia a estilo simples, *humilis*, preceituado no *Orator* de Cícero. Sutil em sua persuasão, era estilo que simulava fluidez sem demonstrar simulacro, que deleitava sem evidenciar ornamentos, que negligenciava sem descuidar. Sem de todo excluir o caráter sanguíneo de quem o pronunciava, promovia elegância, pureza e certa sobriedade: discurso simples, feito de palavras comuns e ordens diretas, rejeitava cosméticos, *medicamenta candoris et ruboris* (CÍCERO, *Orator*, §79), e utilizava a metáfora como fosse gesto a expressar o sentimento sincero do pensamento que a palavra enunciava (GONÇALVES, p. 147).

Como estilo, a simplicidade flutuava entre os gêneros, podendo estar em altos e baixos, também em gêneros medianos. Gênero ameno era gênero da lírica, por exemplo, e de escritos espirituais, como os de Manuel Bernardes (1644-1710), Agostinho de Santa Maria (1642-1728), José de Santa Maria (1670-1736), Maria do Céu (1658-1753), Antônio do Rosário (1647-1704), dentre tantos que compartilhavam com a lírica, salvaguardadas suas diferenças, de pelo menos um terreno comum, o de participarem de estilo vasto, múltiplo, acomodado a gêneros e subgêneros dos mais diversos.

No caso do prólogo de *Escola de Bethlem*, a menção ao estilo humilde não apenas antecipava à audiência o que iria encontrar no livro, como também punha em cena a virtude católica da humildade, enaltecida por Gusmão e pelos seus coevos como a principal das virtudes católicas relacionadas diretamente ao fiel, junto da pobreza, castidade, modéstia, temperança, fortaleza, paciência e mansidão. Além disso, humilde referia-se ao *ethos* discursivo, que se rebaixava a ponto de afirmar ser o silêncio da veneração mais eficaz do que palavras de louvor, mas obediente a ponto de efetuar sua obra mesmo assim, sincero ao admitir as imperfeições dela e de si próprio. Estamos no campo da sinceridade, hermenêutica e elocutória, obtida enquanto um efeito estilístico de discurso (LICHTENSTEIN, 1994, p.82).

Para definirmos o estilo humilde declarado por Gusmão, havemos de contrapô-lo ao seu negativo: o estilo empolado, ornamentado demais, distanciado da verdade, dobrado em refolhos, muito turvado e pouco ordenado – o estilo da “retórica humana”. Para isso, sigamos o peregrino de *Historia do Predestinado* (1682), única obra de ficção do jesuíta em que se delineiam os caminhos opostos de dois irmãos, Predestinado e Precito, rumo a Jerusalém e

à Babilônia, respectivamente. Em uma das etapas de sua peregrinação, Predestinado visita os governadores de Nazaré, chamados Culto Divino e Religião, em cujo palácio, “estava por armas, ou braço a esfera do mundo com a letra de S. Paulo: *Nolite conformari seculo*: pelo qual emblema entendeu o Peregrino, quanto em Nazareth podia aprender” (GUSMÃO, 1682, p. 48).

O que o peregrino Predestinado transforma em doutrina, a partir da letra de Romanos 12, 2, é que os ditames do mundo estariam sempre ao contrário dos ditames de Deus; portanto, não seria lógico querer seguir o mundo e conformar-se, concomitantemente, aos dogmas divinos. Pelo que se depreende a tensão entre mundo e Deus, carne e espírito, que permeou toda a obra de Gusmão e toda uma longa tradição de escritos espirituais, calcada nas *Confissões* agostinianas, mas que não se reduziu a uma recusa definitiva de Gusmão para com o mundo.

Não à toa, à porta de Nazaré estavam também “tres estatuas, ou imagens, que parecião Idolos” (idem). Depois descobrimos seus nomes: *Respeito humano*, *Que dirão?* e *Interesse próprio*. Estavam dispostas aos pés do chão, para aqueles que entrassem em Nazaré não as reparassem ou, se reparassem, não as adorassem. Estátua, imagem, ídolo: *eikon*, *eidolon*: falamos agora do simulacro, do símile, do ícone, do último segmento da linha cortada no Livro VI da *República*, do quarto grau de conhecimento, o que parte do sensível, do visível sobretudo, e que apresenta as maiores distâncias em relação ao Ser.

É o terreno da pintura, da escultura, da retórica também, onde Platão (e, muito posteriormente, os pós-tridentinos em suas delimitações às iconografias cristãs) firma o leme contra Górgias e contra uma outra concepção de retórica, para a qual o ser e o parecer não se repeliam, mas se identificavam a ponto de a éfrase se autonomizar (CASSIN, 2005, p. 251), de a similitude que divide a metáfora em seus segmentos, em Aquiles e leão, dissolver-se em quadro do presente, em único tempo em que, instantaneamente, Aquiles é leão – assunto que não nos é possível desenvolver aqui.

Daí a disposição das estátuas ao chão, a curiosidade de Predestinado ao vê-las pisadas e a suspensão do enigma fazerem, de alguma forma, o peregrino perguntar-se o que significava enxergar, ou seja, o que se desvendava, em segundo momento, por trás dos olhos do corpo. Todavia, para enganar de uma vez por todas o peregrino, Religião, governadora de Nazaré, não encontra outro recurso a não ser dispor a seus olhos, enfim, uma imagem, o emblema de *Palavra de Deus*: “Para de todo se persuadir lhe mostrou Religião huma cadeira ao modo de Pulpito, onde estava huma Virgem muito santa, pura, & sincera, ornada, mas não com demazia, nem com afeites da Vaidade” (GUSMÃO, 1682, p. 49-50).

“Para de todo se persuadir” – isto é, para que não houvesse dúvidas na interpretação do *eikon*, para que a doutrina fosse, sem excedentes nem faltas, bem ajustada à representação e para que as palavras convencessem assim que chegassem aos olhos. “He de tal energia no persuadir” (GUSMÃO, 1678, p. 14), exalta Gusmão enquanto *persona* maravilhada diante da cena da Natividade, descrita e construída em *Escola de Bethlem* (1678) com energia, ou *enargeia*, obtida por elocução que só se provava à medida que se efetuava. “Ao bom orador é suficiente dizer o que convém, mas dizê-lo com arte é próprio do eloquentíssimo”, afirma Quintiliano (*Institutio Oratoria*, VIII, 13), ao cabo, que a eloquência não tinha outra prova que não a si mesma.

No entanto, lembra a *Arte Poética*, de Horácio, que as palavras não são pinturas, são *como* pinturas: em mundo de palavra, há sempre o símile. As coordenadas espaciais da imagem elucubrada por Gusmão, que conduzem o leitor, ou ouvinte, a olhar cada coisa de cada vez, diferentemente da concomitância de todos os signos num único quadro, elevam a visão do nível do chão, onde estavam os ídolos contrários à doutrina católica, ao nível do púlpito, ao nível da pregação, portanto.

Em sua prosa mais característica, Gusmão traça correspondências, descreve para logo em seguida nomear, evidencia o percurso lógico de seus raciocínios, deixa os síndetos de suas orações às claras, escaneia a geometria de suas imagens conforme minuciosa proporção e enumeração entre cada elemento visível e sua exegese. Esta sua defesa à humildade do discurso, bem como à sinceridade e a outros atributos elocutivos que veremos a seguir, não se dava à toa, uma vez que Gusmão atuou, durante um período conturbado, para a Companhia de Jesus, de modo que jesuítas portugueses eram censurados por seus métodos de pregação e por suas agudezas praticadas durante o Seiscentos ibérico, demonstradas e variadas na preceptiva de Baltasar Gracián (1648).

Nesse sentido, Gusmão parece ser representante de uma concepção outra de retórica, emergente dentro da Companhia, em oposição ao acúmulo de sutilezas e de *conceptos*, muito embora nosso jesuíta tenha se utilizado deles na mediania de seus gêneros (SILVA, 2023). Pois, como vimos acima, a virgem que se encontra no púlpito, *Palavra de Deus*, compartilha com o pregador de um espaço intermédio: nem muito elevado, nem muito rasteiro – mediano, visível aos de baixo e aos de cima, passível de imitar e de ser imitado, estilo humilde de outros adjetivos seguidos: santo, puro, sincero. Ornado, mas não afetado pela vaidade. Honesto, em suma.

3. Simplicidade, sinceridade e verdade: contra os exageros da retórica humana

Entre as letras divinas e humanas, a escrita espiritual de Gusmão reclama a não ociosidade do tempo, pecado católico da acídia. “Honesto”, sempre que aparece na obra gusmaniana, adjetiva tudo o que é proveitoso, útil, laborioso no que aproveita o tempo em vista de sua finalidade eterna. Nesse sentido, a honestidade contrapõe-se, em *Historia do Predestinado* (1682, p. 44), ao Passatempo, alegorizado em bairro de Bethaven, cujas únicas preocupações eram “jogos, rizos, & entretenimentos, donde não poucas vezes nascem mil dissensoes”. Em Passatempo, as palavras desentendiam-se, as significações se alargavam e os ornatos, próprios da cosmética, da roupagem e dos cuidados com a beleza, multiplicavam-se em dobras.

Perspicuitas é termo utilizado, por Quintiliano, para se referir ao uso das palavras; perspicuidade, em Bluteau, é sinônimo de clareza. No início do Livro VIII, o orador da *Institutio Oratoria* elenca as artes femininas de embelezamento do corpo, suas depilações, tinturas e vestidos, similares às que aparecem no Livro III da *Ars Amatoria* de Ovídio. Análoga a elas aparece a elocução do discurso, qualificada por Quintiliano como *afetada* (*adfectatur*) à medida que as palavras perdem seu uso, quer dizer, perdem a utilidade de vestir os assuntos, lu-

zindo por si mesmas: *affectatio*, novamente segundo Bluteau (1728, v. 1, p. 150), “val o mesmo, que grande desejo, & paixão”.

Afetadas, enfeitadas demais, as palavras tornam-se vaidade, em escala católica de vícios e virtudes. Em chave pós-tridentina, vaidade é *vanitas*: é quando se perdem a oportunidade, a ocasião, a prudência – o *kairós*, tempo compartilhado entre orador e auditório, tempo que acomoda o emprego das palavras à matéria e que confere entendimento ao discurso. De dama muito ornada, sumamente preocupada com o corpo, Vaidade torna-se alegoria cristã de pecado que não leva em conta o tempo: ligando-se à luxúria, é pecado da exibição de ornatos sem outro fim que não o prazer. Exibição, voltemos aos gêneros retóricos, é campo do epidítico, do demonstrativo e ostentatório, em que a persuasão se obtém apenas ao olhar. Daí os perigos, para Gusmão, de a evidência virar ídolo ou heresia de retórica puramente humana, apartada de interpretação doutrinária que a fizesse intermediária entre Deus e os homens.

Se, por um lado, um elogio só se efetuava elogiando, um discurso epidítico corria o risco de ser mal-entendido por quem ainda não conseguia visualizá-lo. A *Palavra de Deus*, como vimos em passagem de *Historia do Predestinado* (1682), era virgem sincera. Sinceridade significava “modo de obrar, ou fallar sem refolho” (BLUTEAU, 1728, v. 7, p. 655). Sinônimo de lhanza e simplicidade, *sencillo* era “lo que es simple, y no tiene doblez, dizese algunas vezes de el hombre llano, y claro que trata verdad” (COVARRUBIAS OROZCO, 1674, fl. 173r.). Sob determinada acepção de retórica praticada entre os séculos XVII e XVIII na Companhia de Jesus, a aparência de um discurso simples adquiria estatuto de virtude, de pureza de desejo e de conformação à vontade divina, verbalizada enquanto ética moralizante do hábito dos “justos”, os quais não teriam outro recurso de expiação de culpas a não ser confessá-las, seja em exames gerais ou particulares, em frente a supervisores ou diante da própria consciência.

Assim, notemos como a alegoria da *Palavra de Deus* assemelhava-se à representação de uma outra virgem presente também em *Historia do Predestinado* (1682), nomeada Confissão. Aos pés de um sacerdote, para quem entregava o próprio coração, Confissão estava vestida de branco e “parecia mui simples, sincera, & verdadeira”:

Bem entendeo Predestinado a significação de tudo isto, porque o Sacerdote era o Confessor, a Virgem a Confissão, & naquellas figuras lhe queria Arrependimento significar, qual deuia hum, & outro ser. [...] A Virgem a seus pés simples, sincera, & verdadeira mostra qual ha de ser a boa Confissão, *simples sem preambulos de inuteis exordios; sincera, sem refolho de opinioes duuidozas; verdadeira sem vicios de falsas repostas*. Ter a cara, & peito descuberto, denota que ha de ser a Confissão clara, & sem reboço, & que deue o penitente descobrir todo o seu peito ao Confessor, pondo em suas mãos toda a sua consciencia, que isso significaua estar dando seu coração ao Sacerdote (GUSMÃO, 1682, p. 143, grifos nossos).

Destinados a amplo auditório, os escritos de Gusmão compartilhavam com gêneros teológico-políticos de pregação a mediania do púlpito e a finalidade pragmática de guiar seus leitores e ouvintes para os caminhos de Deus. Destinados a cada um, os escritos de Gusmão guardavam algo da intimidade do confessionário. Intimidade ínfima, por certo, encenada dentro de parâmetros teológico-retóricos seiscentistas, mas acomodada às vidas dos leitores, muitos dos quais

imersos em espaço que antes de meados do Seiscentos, no interior da América Portuguesa, não havia internato onde meninos eram educados e onde livros em vernáculo lhes ensinavam como agir, como vestir, como falar, como confessar pecados.

De todo modo, Confissão alegoriza não apenas o sacramento católico da confissão, mas uma concepção pós-tridentina de estilo humilde, vinculado à sinceridade, simplicidade e verdade do discurso. Simples: “sem preambulos de inúteis exórdios”; sincera: “sem refolho de opinioes duuidosas”; verdadeira: “sem vicios de falsas repostas” – são os adjetivos e as significações atribuídos à Confissão, sintaticamente distribuídos por Gusmão conforme recurso elocutório de recolha e enumeração. Essa disposição confere lógica e ritmo ao discurso, condensando os conceitos e os desenvolvendo em três partes análogas, anaforizadas pela preposição “sem”, que define os conceitos a partir daquilo que lhes faltam.

Em Gusmão, o critério de unidade de seus escritos parece residir justamente na simplicidade do estilo que defende: estilo útil, não afetado por preâmbulos, isto é, por discursos “que prece-de[m] a alguma narração” (BLUTEAU, 1728, v. 6, p. 677). Quintiliano (*Institutio Oratoria*, VIII, 55), ao discorrer sobre a elocução, afirma: “toda palavra, que não esclarece a compreensão nem serve de ornamento de estilo, pode ser dita viciosa”. Em chave católica, a palavra que resta, que não se adequa ao seu gênero, é palavra ociosa, vaidosa, enganosa por fazer passar o tempo sem aproveitá-lo. Mais uma vez, Quintiliano: “mesmo aquela ἀφέλεια [‘aféleia], simples e natural, tem certa beleza pura, apreciada também nas mulheres” (idem, 87).

O natural artifício, no entanto, não seria naturalmente simples de se obter (HERMÓGENES, 1997), exigindo do poeta a sabedoria de encadear cada parte da imitação ao seu todo; do orador, a eloquência de adequar cada componente da elocução à matéria do discurso; do pregador, a prudência de fazer de cada palavra, ela própria, encarnação das virtudes e dos vícios a serem praticadas ou negados pelo auditório. Em síntese, a *Palavra de Deus*, simples, sincera e verdadeira, era efeito de retórica fingida em simplicidade, sinceridade e verdade – como a beleza simples, de naturalidade forjada, da mulher citada acima por Quintiliano.

“Porque muitas vezes hey ouuido a esta Virgem Palaura de Deos mui *ornada de ricas pessas*, affeitada com *lindas flores*, seguida de *copiozos concursos*, & não vi os misterios, que aqui vejo?” (GUSMÃO, 1682, p. 51), pergunta Predestinado à Religião, maravilhado por ver a *Palavra de Deus* tão diversa do que costumava ouvir nos lugares “onde se préga a Palaura de Deos”. Nesta passagem, podemos observar que as semânticas da retórica e da pintura cambiam: o ornamento mistura-se à elocução, as peças (os panos) e as flores aos tropos, os concursos copiosos ao amálgama de recursos elocutórios que em discurso se atropelam e em pintura se sobrepõem.

Religião, em resposta ao peregrino, suspira: “Oh como te enganas, Peregrino! Porque essa que tu dizes não he Palaura de Deos, senão Rhetorica humana, que ainda que he muito parecida à Palaura de Deos, não he a mesma; senão outra mui diuersa” (idem). E no que elas se diferem? Poder-se-ia perguntar, mas Predestinado não o faz. Não o faz porque a pergunta já fora respondida: a *Retórica Humana* opõe-se à *Palavra de Deus* por não ser simples, nem sincera, nem verdadeira. Por ter exórdios demais, refolhos demais, vícios demais: por passar o tempo em fingimento que, de certo modo, residia também na *Palavra de Deus*, mas nela fingindo não fingir.

Sem refolhos, a palavra sincera estaria mais próxima da verdade: a palavra sincera imitava melhor e, nesse sentido, era até mais ilusória do que a palavra enganosa: “Sem refolho de opiniões duvidosas”, define Gusmão a sinceridade, próxima assim do gênero epidítico, no qual não se debatem julgamentos nem deliberações, mas onde se louva, se censura, se mostra e se evidencia. Em retórica cristã, o epidítico torna-se o gênero privilegiado da fé e da oração. De sinceridade e simplicidade combinadas, a *Palavra de Deus*, por fim, é verdadeira, último dos três adjetivos: verdadeira porque virtuosa, de lhanos artifícios e de dobraduras planas, de recreação proveitosa e honesto passatempo, “sem vícios de falsas repostas”.

Se simplicidade e sinceridade vinculam-se à elocução do discurso e alegorizam o estilo humilde praticado por Gusmão, a verdade invade o campo da matéria, da doutrina, da ética e da moral. Equiparando-se à sinceridade e à simplicidade, a verdade fazia com que o ser e o parecer se reunissem: a censura aos idólatras de tomarem por verdade o engano dos sentidos adquire agora, aplicada à verdade de cunho cristão, o valor de mezinha bem administrada que põe diante dos olhos a doutrina tida por verdadeira, descrita em écfrases, sentenciada em ditames, ensinada em metáforas e alegorias de evidente moralidade, delimitada em comparações cujos dois polos do entimema se confirmam ou se opõem: “Porque como ensina a Filosofia, a comparação só se faz entre couzas do mesmo genero, ou especie; pòde haver com tudo paralelo; porq na mesma Filosofia se diz, que hum contrario à vista de outro contrario melhor se conhece” – argumenta Gusmão no Proêmio do tratado intitulado *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* (1720, p. 6-7).

Argumento que, por seu turno, justifica, ao longo do tratado citado, as oposições entre o Inferno e o Paraíso e que, ao mesmo tempo, explicita toda a invenção, disposição e elocução dos opúsculos de Gusmão, autorizados por Aristóteles em sua *Retórica* (III, 1407a): “os contrários são mais fáceis de reconhecer (e mais fáceis de reconhecer quando colocados junto uns dos outros), e porque se afiguram semelhantes ao silogismo”. No entanto, as comparações não deviam se confundir, lembra vez ou outra Gusmão, que admite ser a tentativa humana de dimensionar a grandeza do Paraíso (e, por oposição, a baixeza do Inferno) falha e imprecisa, similar à busca de “comparar hum tijolo com huma cidade” (GUSMÃO, 1720, p. 28-29).

4. Mansidão

Como as letras espirituais de Gusmão poderiam encenar a virtude católica da temperança, afastando os leitores, ouvintes e espectadores do sumo deleite das palavras, dos sons e das imagens, mas não os apartando a ponto de que não lessem, não ouvissem nem vissem o que estas letras representavam e performavam? A resposta consistia, para o jesuíta, na virtude da mansidão: “E certamente além da mansidão, e simplicidade de Pombo, deve o Prégador observar duas cousas particulares da Pombo, que são a sinceridade, e mais a Prudencia, que ainda he mais necessaria, que a das serpentes” (GUSMÃO, 1734b, p. 40-41).

Por mansidão, Bluteau (1728, v. 5, p. 297) entende “brandura de condição”, do latim *mansuetudo*. No caso de Gusmão, ser manso não se tratava de defeito, mas de qualidade do cristão



de alma branda, tranquila, benigna e disposta a obedecer. Manso era fogo que queimava lento, paciente, que não incendiava a alma a ponto de cegar os olhos com esperanças nem imaginações vãs. Sendo o fogo metáfora máxima da paixão amorosa, sendo seu objeto por excelência o coração, fogo manso era fogo que ardia em coração brando – metáfora, por sua vez, da alma enquanto tábua rasa em que se imprimiam preceitos espirituais tipografados pelas palavras, capazes de amenizar, suscitar ou demover paixões. “Huma reposta branda mitiga a ira: pelo contrario huma palavra aspera levanta furor; porque como diz o mesmo, a lingua branda faz brando o coração duro: *Lingua mollis confringit duritiem*”, argumenta Gusmão (1734b, p. 97) com sentença de Provérbios 25, 15. Por dureza, também se entendia a dureza da vontade, considerada à época como uma das potências da alma.

Coração traspassado de setas, coração arrancado, coração enroscado por víboras, coração voltado para o alto junto com olhares direcionados ao céu, coração incrustado com o nome de Jesus, coração assinalado com a imagem da cruz: coração aflito, coração humilde, coração sincero e sem malícia: coração que ama, coração que padece, coração que se arrepende e coração que lastima, coração que se alegra e se entristece, coração que ouve os desígnios divinos e coração que obedece. Em suas formas passivas, ativas ou estáticas, a metáfora do coração abunda na obra gusmaniana.

Principal órgão aristotélico, onde as paixões dos sentidos circulam e se encontram, do coração os afetos saltam aos olhos, inundando-os de lágrimas, e as palavras correm à “boca da abundancia do coração” (GUSMÃO, 1689, p. 206). De tanto visualizar a imagem de Cristo crucificado dependurada à parede, desde ao acordar até ao dormir, o devoto acabaria por imprimir no coração a imagem do *Ecce Homo*, materializando-a em órgão que corporifica a memória. Em chave agostiniana, no coração se incrustariam as leis da nova aliança entre o homem e Deus (BOUZA, 2019, p. 526). *Multa tulit, fecitque puer: sudavit, & alsit*, cita Gusmão (1678, p. 19) a passagem de Horácio, traduzindo-a e cristianizando-a como o esforço necessário, de suor e trabalho, para se alcançar as ciências do céu.

Em coração que laborava, contudo, não se podia endurecer, sob risco de perder a maleabilidade de impressão: em tela impermeável não se podia pintar, nem em tábua assaz dura se podia gravar. Abrandada pela “manteiga de devoção” (GUSMÃO, 1678, p. 289) que, esquentada em fogo manso, conferia base ao preparo dos alimentos, a dureza do coração amainava e umedecia a língua que então seria capaz de sentir o mel retirado de um romance, isto é, de um poeminha traduzido ao vernáculo, ao sabor da língua portuguesa, como o louvor de Boaventura transcrito abaixo, traduzido provavelmente por Gusmão. Formado por quadrilhas de redondilha menor, por seus diminutivos brincam, mimosos à fantasia do poeta, de seu tradutor e de seu ouvinte, a *persona* e o menino Deus:

*Meu parvulozinho,
Que não tendes par,
Feliz, quem levar
De vós o abracinho.*

*Feliz, quem lambera
Os pès, & as mãozinhas,
E as lagrimaszinhas
Vo las detivera.*

*Feliz, finalmente,
Quem só aqui morasse,
E obsequios dobrasse
Continuadamente.*

*Ay, pois não convem,
Que eu chegue a abrandar
Ao Menino, & chorar
Com elle tambem.*

*Ay, pois seus membrinhos
Não posso aqueutar,
E nem sempre estar
Iunto aos bercinhos.*

*Nada este Menino
Aborreceria,
Antes se riria
Como pequenino.*

*Tambem se doeria
Deste pobrezinho,
E com chorozinho
Perdão me daria.*

*Feliz quem podesse
A sua Mãe servir,
Para então pedir
Que lhe concedesse*

*Hũa vez no dia
Ao Filho beijar,
E com elle brincar
Por galanteria.*

*Oh como de gosto
Banhos lhe fizera,
E agoa trouxera
Com suor de meu rosto.*



*Nisto sempre andàra
Da Mãy ao gostinho,
E do pobre Filhinho
Os panos lavàra.*

Nos versos acima, dispostos em *Escola de Bethlem* (GUSMÃO, 1678, p. 270), observa-se a predominância de recursos elocutórios que performam risinhos, brincadeirinhas e carinhos, no interior de um campo semântico ameno e suave, comum ao cenário de doces, bebidas e flores que prevalecem no impresso citado. Trata-se de marcas de um gênero mediano que não nega os afetos, pelo contrário, move-os continuamente ao amplificar os padecimentos de Cristo (como em *Arvore da Vida, Jesus Crucificado*, de 1734) e os pavores dos castigos eternos (como em *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno*, de 1720), mas os abranda na suavidade de metáforas, alegorias, semelhanças e outros tropos que transmitem a doutrina com o prazer de uma escrita que a todo momento proclama seu proveito (*docere*), nunca se isolando, contudo, do deleite (*delectare*) que a elocução em si contém.

No coração, generalizam-se as espécies singulares dos sentidos, sobretudo as imagens obtidas pela visão. No entanto, ressalva López Pinciano em *Philosophia Antigua Poetica* (1596), em diálogo com o *De Anima* aristotélico, que os olhos não tocam diretamente os objetos, não os saboreiam, não sentem suas texturas, não experienciam a materialidade que através das cores pode ser vista ou imaginada, mas não desenganada na pele, coisa que apenas dois dos sentidos podem fazer, o paladar e o tato.

São eles, o gosto e o toque, que se conjugam em uma passagem bíblica repetida ao menos duas vezes nos tratados de Gusmão: a do livro engolido por João no Apocalipse 10, 8-11. Doce por fora e amargo por dentro, esse livro alegoriza não apenas as letras divinas, como as letras humanas obedientes às divinas, quer dizer, as letras espirituais, incluindo as de Gusmão, letras que dispõem da elocução para misturarem-se à saliva do entendimento e para chegarem às entranhas da vontade mais íntima do fiel, ao coração. Cristianiza-se, assim, outra máxima horaciana, a da doce utilidade, *utile dulci*:

Este he o livro que Deos mandou provar, & engolir a S. João no Apocalypse, que sendolhe doce na boca, lhe amargou nas entranhas; isto he que sendo doce aos fieis, que o rumião, & contemplão, he amargo aos Judeos, & Gentios, que o reprovão. Vai disposto por aluzão, & metáfora ao livro usual, por metáforas, & aluzoes da Sagrada Escripura, para mayor devação, & corrosidade do que isto ler (GUSMÃO, 1678, p. 31-32).

Se te parecer obra de pouco lustre, não podes negar, que pode ser de muyta utilidade. Bem sey que: *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci*; mas se souberes misturar a consideração do bem; & mal eterno, como neste Tratado se contem, poderà ser, que atines com o ponto, que consiste em acertar com a verdadeyra eleyção entre o bem, & mal eterno (GUSMÃO, 1720, não paginado).

Para bons entendedores, meia metáfora basta. Mas para os que não a conseguissem entender, restava ainda uma última prova, a do sabor final. O gosto primeiro, alertava Gusmão em o Prólogo de *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* (1720), era o doce das metáforas, da elocução em

suma, responsável por suavizar as imagens e os sons, para que os olhos pudessem ver, e não cegar; para que a língua pudesse degustar, e não cuspir. Contudo, o que devia predominar à boca, lembremos o epílogo do “Sermão da Sexagésima”, de Antônio Vieira (1608-1697), era o amargor da doutrina, a insatisfação com os próprios hábitos, o desengano ao perceber o livro da própria vida como livro mal composto, indecoroso com sua cabeça de homem e corpo de bestas feras:

Se buscas neste Tratado o gostoso, & não o util, prova-o con tudo, que se o não achares doce na boca, como o de S. João, por ventura, que te amargue como elle no coração, que he o nosso intento principal. Melhor se conhece a doçura do mel, depois de haver provado o amargo do fel. Todos os livros Sagrados, estão cheyos de promessas, & ameaças (GUSMÃO, 1720, não paginado).

5. Considerações finais

Para que o término deste artigo não seja amargo, ressaltamos a importância do deleite (*delectare*) para as letras instrutivas de Alexandre de Gusmão. Como afirmamos, por mais catequizantes que os escritos do jesuíta fossem, constituíam-se eles de palavras, de discursos e, portanto, de retórica – esta arte de falar bem que permeou, com suas diversas faces, o mundo letrado ibero-americano até (ao menos) o século XVIII.

Em primeiro e principal plano, os discursos de Gusmão visavam ao *docere*, objetivo poético-retórico atualizado na América Portuguesa dos séculos XVII e XVIII. Em visada católica pós-tridentina, o *docere* assume para Gusmão o sentido de aproveitamento moral, de ensinamento doutrinário, de instrução catequética. Retóricos, esses discursos não deviam prescindir do *delectare*, alcançado pelo jesuíta através de elocução simples, humilde, sincera, honesta, verdadeira; elocução, em suma, que mimetizava a doutrina, pondo-a diante dos olhos do leitor-ouvinte.

Contra os excessos da cosmética retórica, o jesuíta não se opõe de todo a ela, fazendo uso de seus ornamentos para forjar e promover afetos amenos, suaves e brandos, deleitosos o bastante para a mudança de hábitos, para a memorização de preceitos e para a manutenção da esperança em vida eterna; para que a audiência, enfim, não se desesperasse em demasia quando a amarga prédica findasse, “porque al fim todo acaba, e passa como huma figura de comedia” (GUSMÃO, 1734b, p. 199).

FINANCIAMENTO

Pesquisa com bolsa concedida pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflitos de interesses a declarar.

REFERÊNCIAS

- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez & Latino**: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v.
- BOUZA, Fernando. Escribir a corazón abierto. Emoción, intención y expresión del ánimo en la escritura de los siglos XVI y XVII. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 35, n. 68, p. 507-534, mai/ago 2019.
- CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. **Poesia de Agudeza em Portugal**. São Paulo: Humanitas; Edusp; Fapesp, 2007.
- CASSIN, Barbara. **O Efeito Sofístico: sofística, filosofia, literatura**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005.
- COVARRUBIAS OROZCO, Sebastian de. **Parte Primera del Tesoro de la Lengva Castellana; o Española**. Madri: Por Melchor Sanchez, 1674.
- GONÇALVES, Soraia Nascimento. **Contributos para a Definição do Orador Ideal** – Estudo e Tradução do “Orator” de Cícero. 362p. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.
- GRACIÁN, Lorenzo [Baltasar Gracián]. **Agudeza y Arte de Ingenio**. Huesca: por Juan Nogues, 1648.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Arvore da Vida, Jesus Crucificado. Dedicada à Santissima Virgem Maria N. Sra. Dolorosa ao Pé da Cruz**. Lisboa Occidental: Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1734.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno**. Lisboa Occidental: Oficina da Musica, 1720.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Escola de Bethlem, JESVS nascido no Presepio. Dedicado ao Patriarca S. Ioseph**. Evora: Oficina da Universidade, 1678.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Historia do Predestinado Peregrino, e sev Irmão Precito: Em a qual debaxo de huma misteriosa Parabola se descreue o sucesso feliz, do que se ha de saluar, & a infeliz sorte, do que se ha de condenar**. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1682.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Meditações para Todos os Dias da Semana, pelo Exercício das Tres Potencias da Alma, conforme ensina Sto Ignacio Fundador da Companhia de JESU**. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1689.
- GUSMÃO, Alexandre de. **O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé no Sentido Allegorico, e Moral**. Lisboa Occidental: Oficina de Bernardo da Costa, 1734.
- HERMÓGENES. **L'Art Rhétorique**. Tradução de Michel Patillon. Lausanne: L'Age d'Homme, 1997.
- HORÁCIO. **Arte Poetica de Q. Horacio Flacco**. Traduzida & illustrada em Portuguez por Candido Lusitano. Segunda Edição, Correcta, e emendada. Lisboa: Na Officina Rollandiana, 1778.
- LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A Cor Eloquent**. Tradução de Maria Elizabeth Chaves de Mello e Maria Helena de Mello Rouanet. São Paulo: Siciliano, 1994.
- LÓPEZ PINCIANO, Alonso. **Philosophia Antigua Poetica**. Madri: Por Thomas Iunti, 1596.
- QUINTILIANO. **Instituição Oratória**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2015, tomos I, II, III, IV.
- SILVA, Isabel Scremin da. **As Voltas do Compasso**: um estudo retórico da obra espiritual de Alexandre de Gusmão. 2023. 320p. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.